

O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

Editorial

Que interessa estarmos aqui a badalar por uma ponte nova, um mercado moderno, um campo de golf que há-de ser o maior da Europa, se coisas simples e banais tais como a limpeza nos falham e nós damos mostras de vivermos ainda na fase pré-histórica da civilização humana?

O nosso rio, mal grado o esforço hérculeo do Arquitecto Pádua Ramos, continua a ser a cloaca de Fão. As ruas permanecem ainda no colectivo popular como um vazadoiro natural. O pinhal ganha ao rio e ao chão das ruas quanto à extensão de desperdícios. É verdade que agora dispomos de contentores, aliás muito mal tratados, como muito bem acentuou o

Nós também não a queremos

nosso colaborador Quim Muata, mas a grande verdade é que eles já não dão vazão às sobras domésticas, umas vezes por culpa da extraordinária afluência das mesmas, outras, porque os serviços de limpeza não fazem uma tiragem atempada. Junto ao Hotel Ofir, já ou ainda na Estrada da Bonança, existe lá um contentor que se encontra permanentemente cheio e a esbordar por fora. As pessoas nem tentam lançar os restos no bojo do mesmo e muito simplesmente despejam-nos ao lado, fazendo do local (local por excelência de turismo) uma autêntica estrumeira. Será que os homens dos Serviços passam por lá? a nós dá-nos a ideia que não.

Por falarmos em estrumeira, queremos dizer que ali perto, no

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

ARQUITECTO LUÍS PÁDUA RAMOS

Já mais de uma vez afirmamos, por escrito e oralmente, que o arquitecto Luís Pádua Ramos era uma das consciências mais lúcidas dos assuntos que a Fão dizem globalmente respeito. Esta imputabilidade cívica que lhe atribuímos nasceu do amor excepcional que Pádua Ramos nutre pela terra fangueira que ele começou a apreciar e admirar nos princípios da década de cinquenta, quando por aqui apareceu nos rastros de sua namorada de então, a Nita, hoje sua dedicada esposa.

Já estamos a sentir a reação dos nossos leitores mas acentuadamente fãonáticos: «O quê? Alguém gostar mais de Fão do que eu? Ninguém!!!» Há gostar e gostar e no arquitecto Pádua nós descortinamos a inteligência bastante e a sensibilidade suficiente para saber o que a Fão faz falta, empenhando-se permanentemente em suprir as suas deficiências que não sendo as mais espectaculares são ainda assim as mais essenciais. Todas as suas acções, ofertas e uma incondicional disponibilidade vão no sentido de as suprir.

Foi assim que durante anos seguidos o vimos, no decorrer dos meses de Agosto rodeado de miúdos em pleno rio Cávado, car-



(Continua na página 2)

P.e MANUEL BAPTISTA DE SOUSA

Elevado à dignidade de Monsenhor

A Santa Sé acaba de elevar o arcebispo de Esposende à categoria de monsenhor. Trata-se de um título honorífico que em regra premeia o labor pastoral e uma certa dignidade com que se exerce o munus sacerdotal.

O Padre Baptista de Sousa à frente do arcebispo de Esposende tem desenvolvido uma actividade religiosa, social e cultural digna de nota, de modo que a distinção que ora lhe foi conferida pelo Santo Padre reflecte o agradecimento da Igreja pelo trabalho desenvolvido.

«O Novo Fangueiro» saúda com muito júbilo o rev. Baptista de Sousa.



EDITORIAL

(Continuado da página 1)

cotovelo quase frente à casa do Pieira, mas exactamente de frente às novas habitações que compõem o edifício terminal da Avenida António Veiga, lado esquerdo, está a nascer outro vazadoiro de porcaria que é por certo alimentado pelos habitantes das novas casas, o que para nós é motivo de surpresa pois, dado o custo daquelas habitações, tudo levava a supor que os moradores possuísem um certo estatuto social.

Sabem o que nos apetece fazer?

Há uns anos atrás um jovem médico português foi tirar uma especialidade à Suíça. Um dia encontrava-se junto a uma paragem em bicha com outras pessoas. Lembrou-se então de fumar e vendo que o maço de cigarros que trazia ficava sem nenhum, deitou-o fora. Uma senhora que também estava à espera de transporte, baixou-se, tomou a carteira e quis entregá-la ao nosso patrício. Grato e pressuroso o jovem clínico recusou-a dizendo: «Não a quero. Já não tem cigarros.»

— Nós também a não queremos — diz-lhe cortês, mas firmemente a cidadã suíça.

Pois bem, era altura de uma noite ou um dia destes se juntarem meia dúzia de fangueiros/as resolutos, apanharem aquela catrapuzada toda e depositarem-na junto às moradias com uma tabuleta: «Nós também não a queremos».

PELO HOSPITAL

Os nossos prezados amigos drs. Herclia Guimarães e Jorge Areias, terminaram o estágio da especialidade, respectivamente em Pediatría e Gastroenterologia, nos Hospitais de S. João e S.to António, no Porto, obtendo ambos honrosa e elevada classificação no exame final.

Daqui os felicitamos, estendendo os nossos parabéns ao Hospital de Fão, pois este ilustre casal faz parte do seu quadro clínico.

ARQUITECTO LUÍS PÁDUA RAMOS

(Continuado da página 1)

reando para as margens e depois para local apropriado os detritos que os fangueiros ao longo do ano vão lançando para o interior do Cávado. O famoso rio das águas Celenas é a menina bonita deste ex-frequentador de Sesimbra (desviado por mor do amor) pois tem a convicção plena, e transmite-a, de que quanto menos poluído, quanto mais limpo, quanto mais cuidado se apresentar o Cávado, mais se valorizará e engrandecerá a terra de Fão.

Afortunadamente a natureza foi pródiga para a terra fangueira que dispõe também de mar e de uma magnífica praia. No intuito de igualmente a valorizar, mobilizou os seus conhecimentos e mercê de uma intervenção que lhe custou tempo, trabalho, e cansaças, foram cedidas aos nossos banheiros muitas centenas de metros quadrados de peno de barraca que a troca de uma propaganda que praticamente não foi feita, vieram dar outra moldura à orla marítima.

Do mesmo modo comandou várias brigadas de limpeza que tornaram mais prazenteiras algumas ruas do burgo, com grande irritação da autarquia, diga-se.

O que faz afinal afadigar-se tanto este arquitecto?

Como deixámos dito atrás, o que faz mover o arquitecto Pádua Ramos é um amor incomensurável a esta coisa que se chama Fão. Deixou-se enfeitiçar, deixou-se prender e este querer bem traduz-se em trabalho.

Para os que não sabem, informamos que Luís Pádua Ramos nasceu em Moçambique há cinquenta e seis anos. Aos catorze foi enviado pelos pais para o Porto e no Colégio Garrett terminou o sétimo ano. Frequentou depois a ESBAP onde se licenciou em arquitectura com a invulgar classificação de 20 valores, tornando-se um dos seus assistentes. A sua dedicação ao trabalho, uma metodologia disciplinada que ainda hoje o faz levantar-se às cinco e meia da manhã e uma notável capacidade técnica, chamaram a atenção de um professor, o arquitecto José Carlos Loureiro que convidou o antigo aluno para com ele formar um gabinete de arquitectura, hoje um dos mais credenciados do País.

Nas circunstâncias atrás descritas, arribou a Fão e encantado pelas suas belezas cedo se deixou corroer pelo bichinho, o tal bi-

chinho... Quando resolveu fazer casa, deixou em paz um magnífico terreno que possui na Bonança e preferiu roer o ouvido ao Minguinhos para que lhe cedesse um pedaço de terreno junto ao cais, pois ali pulsa, no seu entender, o verdadeiro coração da terra.

Sempre e só movido pelo desejo de embelezar Fão, mandou cair a expensas suas alguns muros desleixados da vila e prontificou-se a oferecer cal de borla a quem pretendesse pintar de branco as suas paredes. Por solicitação da Irmandade do Bom Jesus, procedeu à pintura do gradeamento em torno da capela do Bom Jesus, o mesmo mandando fazer à frontaria do edifício do Grupo dos Amigos de Fão. A porta que tapava a barbearia do Alvarino e tanto desfeiziava a nobre avenida Dr. Manuel Pais, foi pura e simplesmente substituída a seu mandado e quando dizemos «seu mandado», queremos significar por sua conta e risco.

Os Bombeiros costumavam realizar exposições por ocasião das Festas do Senhor de Fão e na penúltima vez utilizaram a rica colecção de olaria do Arquitecto Pádua que no final foi muito peremptório: «Se os Bombeiros ou qualquer outra colectividade conseguirem uma sala apropriada, eu cedo toda a colecção». Muitas mais benesses teria para contar a nossa corporação dos Voluntários, pois não foi sem justos motivos que lhe atribuiu o galardão de sócio benemérito.

O jornal «O Novo Fangueiro» conheceu a luz do dia mercê de um acto de coragem e dedicação do nosso perfil de hoje. Quando fazíamos cálculos e mais cálculos para ver se a terra tinha capacidade para «aguentar» um jornal, o arquitecto foi convincente: «Ande p'rá frente. Não se importe». E este «ande p'rá frente» ficou-lhe ao fim de um ano quase por cem contos.

Muitas outras ofertas, muitos préstimos, muitas demarches haveria a revelar, mas esta secção traça apenas perfis. E hoje nós pensamos ter esquiçado a existência de um homem que muito tem trabalhado pela terra de Fão, apenas pelo grande amor que lhe dedica.

ETAR

Estação de tratamento

A última reunião da Assembleia Municipal aprovou a 1.ª revisão ao plano do orçamento, o que veio permitir à Câmara lançar a concurso a formação da Etar, estação de tratamento de águas residuais.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

O Mundo em que vivemos

O SONHO COMANDA A VIDA

(in «Pedra Filosofal», de António Gedeão)

É do conhecimento geral: o prémio do último Totoloto atingia a linda soma de 370.000 contos.

Foi um entusiasmo louco. Principalmente no último dia para a entrega dos boletins, as pessoas fizeram enormes «bichas» para entregar o «papelinho» em que tinham depositado as suas melhores esperanças. Foi uma multidão anónima e heterogênea que durante uns dias viveu de sonhos e de projectos do que faria se a sorte lhe sorrisse com tamanha fortuna.

Havia em cada rosto um sorriso esperançado, um alvoroço que traduzia o pensamento de cada um: — «E se me sair a mim?...»

O sábado chegou. A expectativa era grande. Quase não se respirava, olhos pregados no televisor. As bolinhas coloridas giravam e, à medida que se iam alinhando,

muitas ilusões iam morrendo, muitos sonhos se enterravam.

A sorte, caprichosa, contemplou poucos concorrentes, entre os quais duas cozinheiras algarvias e um fiscal dos STCP. Dos outros «felizardos» nada sabemos de concreto, já que guardaram o anonimato.

Mas os que não foram bafejados pela sorte não desanimam. Não saiu desta vez, mas quem sabe se para a próxima?... E na semana seguinte lá estarão de novo, fielmente, a entregar o seu boletim. Já não são 370.000 contos, mas ainda vale a pena!

E mais uns dias se passam, com uma secreta esperança, até que o sábado vem concretizar os sonhos de alguns e destruir o de outros, desses outros que persistem, que não desanimam com uma longa espera, que confiam em que a sorte um dia se lembre deles.

E porque não? Por pouco dinheiro, compram uma das coisas mais preciosas da vida: a ilusão.

Pois que continuem, até porque os lucros da Lotaria, do Totobola e do Totoloto se destinam a fins humanitários.

De resto, que seria a vida sem uns poquinhos de ilusão, sem uma rêssea de esperança?

E... quem sabe?... Pode ser que, um dia destes, lhe saia a si a «sorte grande» dos sábados à noite!...

E. REAL

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

por MARIA ARLETTE S. F.

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Vamos lá a saber se esse colesterol tem continuado a dar as subidinhas habituais...

Para ajudar, aqui vão mais duas receitas, que são de uma extrema simplicidade, atendendo a que muitas donas de casa não têm, hoje em dia, muito tempo para dedicar à cozinha.

BIFES ENROLADOS

Escolhem-se bifes lisos e sobre o comprido, e coloca-se sobre cada bife ovo cozido, picado em pequenos pedacinhos, e salsa.

Feito isto, enrola-se cada bife com o seu recheio, e prende-se com um palito, para não desenrolar.

Por fim, refogam-se os bifes, que deverão ser servidos com puré de batata para acompanhar.

E uma sobremesa bem docinha:

PUDIM DE PÃO

Ovos - 6.

Açúcar - 200 gramas.

Leite - meio litro.

Pão - o miolo de um pão.

Uvas passas - 2 colheres de sopa.

Canela - q.b.

Põe-se o pão de molho no leite. Depois passa-se por uma peneira (ou passe-vite) e junta-se-lhe os ovos, sendo 2 inteiros (gema e clara) e os outros 4 só as gemas. acrescenta-se o açúcar, as uvas passas e a canela.

Depois de batido, vai ao forno a cozer em fogo brando, numa forma untada com manteiga.

E por hoje, é tudo. Espero que o colesterol fique satisfeito e dê mais um saltinho...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

A mentira é por vezes, nos nossos dias, um discurso amoral e persuasivo. Torna-se um jogo de poder para quem é hábil. Dizer para não-mentir deixa de ser virtude e passa a ser estupidez.

Esta introdução foi para poder exemplificar como «não-se-mentindo» não há nem pode haver certas regalias.

Nas férias que já acabaram e que hoje com estas chuvas até nos parecem longínquas tive comigo três amorosos rapaziños de 10, 12 e 13 anos respectivamente.

Uma das vezes, quiseram ir ao cinema da cidade, à sessão da noite em pleno luar de Agosto como falaria Shakespeare. Havia um senão, o filme era para maiores de 12 anos e o mais pequeno olhava-me aflito como perguntando através do azul-gato dos seus olhos: E eu? Descansei-o. Também vais, se te perguntarem a idade, dizes que tens doze anos. Quando os fui buscar, estavam radiantes, tinham ido ao cinema à noite e o mais pequeno sentiu-se um pequeno herói, pois era o mais pequeno de toda aquela gente crescida.

Numa outra vez, como as praias eram distantes e eu estava pouco entusiasmada nas caminhadas, resolvi levá-los às piscinas hoteleiras da cidade (aliás as únicas que se podem utilizar naquela época estival), como já fizera em anos anteriores. Qual o nosso espanto ao ver o seguinte e caro preçário:

crianças — Xis escudos.

Adultos — Duas vezes xis escudos.

Só que os adultos, eram todos aqueles que tivesse mais de nove anos.

Olharam-me boquiabertos e decepcionados, pensando: Não temos piscinal Não houve sempre, mas das vezes que lá foram mentiram. Excepto o mais velhito cuja altura e buço sobre o lábio superior, eram traços iminentes da adolescência.

Assim sempre que os levava à piscina havia entre eles um misto de receio e de glória, de conseguirem a façanha: gozarem a piscina por um preço mais baixo.

Poderia dar-vos mais exemplos, até ao nível do ensino oficial, mas não quero maçar-vos.

Nunca soube até que ponto agi mal ou bem e que consequências advirão mais tarde na vida e procedimento dos garotos. Mentimos como se uma «partida» fosse. Apenas brincadeira.

farão isso pela vida fora? Serão mais felizes?

MARIA ARLETTE S. F.
2/10/87

POSTO DE GASOLINA

Diz-nos o eng. Adelino Vale que na Câmara o informaram que a actual ampliação do posto de abastecimento está a ser feito em terreno do domínio público. A própria bomba já foi construída em terrenos que não pertencem ao proprietário.

Pensamos que a Junta e o município vão tomar as medidas que se impõem.

OS LIONS DE ESPOSENDE RECEBEM A CARTA CONSTITUTIVA

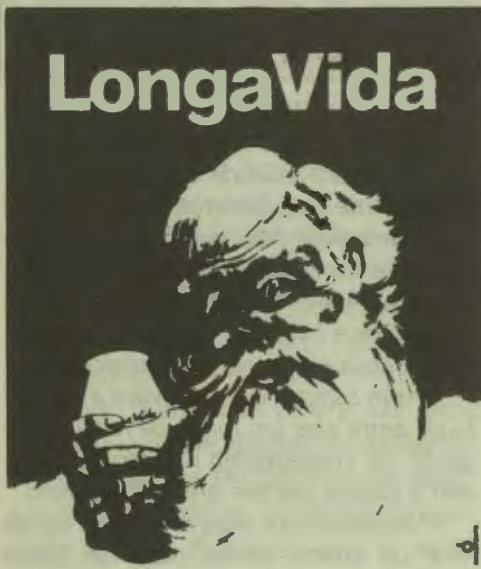
No passado dia 25 o Lions Clube de Esposende recebeu das mãos do Governador do Distrito 115 a Carta Constitutiva que lhe confere a qualidade de membro de pleno direito no seio do movimento lionístico.

A cerimónia, realizada no Hotel Suave Mar, contou com a assistência de representantes de nove clubes similares e ainda com a presença de vários convidados, entre os quais o Reverendo Arcipreste de Esposende, o Presidente dos rotários locais, dr. Alberto Vale, e ainda representantes das Misericórdias e Bombeiros concelhios.

Intervieram vários oradores todos formulando votos de felicidade e acção para o nóvel clube.

PARQUES DE CAMPISMO

É intenção da Câmara manter 3 parques de campismo no concelho. Um a construir nas Marinhas, outro em Apúlia, e finalmente o de Fão que já existe. Estamos informados que o de Fão vai ser o mais pequeno de todos.



o que é bom da natureza

Poema da Vida

Lindas são as árvores
Altas, erguidas da terra
Inertes, balançam
E às máculas dançam
Povoando a serra
De ramos que se entrançam
Açoitados pelo vento que erra

Contemplo as formigas
De tarefa interminável
Com força implacável
Contornam-me a mim
Carregadas de espigas
Em carreiros sem fim

É, a vida polula
Aqui e ali, próspera
E os animaizinhos inocentes
Violinos da ópera
Aventureiros involuntários
Num mar de calvários
Da morte inconscientes
Esperam pelo fim

Junho/1987

JOSÉ MANUEL F. NEVES

HUMOR

Era uma terra, tão atrasada, tão atrasada, que o professor não sabia ler nem escrever.

★

Era um senhor tão baixo, tão baixo que não conseguia pôr o chapéu na cabeça.

★

Era tão míope que chamava azeitonas aos melões.

★

Era uma montanha tão alta, tão alta que as faldas lhe ficavam curtas.

★

Era um lampião tão inteligente, tão inteligente que quando via um cão mudava de rua.

DINIS DE VILARELHO

Américo da Silva Serra

No mês de Setembro faleceu igualmente em Fão Américo da Silva Serra que logo a seguir à guerra de 1939-45, inaugurou na nossa terra, juntamente com um seu irmão, o café Mar e Rio no sítio onde o Armando Gageiro possui uma loja.

À família enlutada os nossos pêsames.

DE LUTO

Pela morte de seu pai, ocorrida já no mês de Outubro, encontra-se de luto o nosso reverendo Prior a quem apresentamos sentidos pêsames.

TÔMBOLA

A Tômbola que tinha vindo a funcionar nos baixos do «João da Loja» acabou, depois de ter proporcionado um lucro que não andou muito longe dos 700 contos.

A coisa deu muito trabalho mas foi bem conseguida. Parabéns a todos que nela colaboraram. A receita vai proporcionar a compra de um écran gigante para os Bombeiros.

A Secção de Animação e Cultura dos Bombeiros vai realizar no próximo mês de Novembro um rally pepper.



A BRASILEIRA
PORTO

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

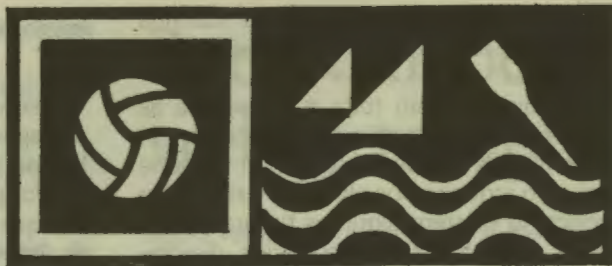
- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

AZAL

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL

DESPORTO



Futebol já começou

A trabalhar em três frentes, o futebol em Fão já recomeçou a sua actividade: seniores, juniores e infantis.

Os infantis, treinados graciosamente por Max tem as suas despesas cobertas por entidades particulares.

Os juniores são treinados também de uma forma voluntária por Zé Manel Vassalo. Algumas despesas são subsidiadas por particulares.

Os seniores tem como treinador o Prof. fernando. Já realizaram três jogos para a Taça da A. F. de Braga.

Fão, 3 - Lagense, 3; Fão, 0 - Roderstein, 0 e Fão, 5 - Victória, 2.

Os directores estão a trabalhar com muito entusiasmo e esperanças em bons resultados.

As equipas mais jovens dão-nos a certeza que o C. F. de Fão vai ter uma cantera de bons jogadores sem necessidade de recorrer a «brasileiros».

Grupo dos Amigos de Fão

Depois da saída do Dr. Carvalho Matos da Presidência do Grupo dos Amigos de Fão, aquela agremiação passou a ser regida por uma Comissão Administrativa. Fala-se na realização de uma Assembleia Geral para que a normalidade retome o seu caminho e opções de fundo sejam escolhidas para que os fins daquela agremiação fiquem bem definidos. Uma coisa é certa: o Grupo dos Amigos de Fão, com estes ou outros estatutos, torna-se necessário em Fão.

ASSEMBLEIA NO CLUBE FÃOZENSE

No dia 11 de Setembro, como mandam os Estatutos, realizou-se uma Assembleia Ordinária do Clube Fãozense para eleição dos novos corpos gerentes que no entanto só tomarão posse no início de Janeiro do ano seguinte.

Este parágrafo dos Estatutos está ultrapassado, pois ele foi necessário para uma época em que grande parte de associados era banhista. Como estes só se encontravam aqui em Agosto, ou no Verão, era aconselhável a eleição em tal data.

Agora, porém, os sócios são todos ou quase todos, «made in Fão». De modo que a tal legislação está mais que obsoleta. E, valha-nos Santa Rita, não apresenta qualquer dificuldade uma legislação adequada. Basta convocar uma Assembleia Extraordinária com um único ponto a tratar: «mudar as eleições para o mês de Janeiro». Apareçam duas, vinte pessoas, a «cerimónia» não durará mais de cinco minutos e o Clube deixará de apresentar a ideia que anda com os relógios atrasados.

CANOAGEM

Tem tido muito mérito a rapaziada da canoagem. Nas várias provas realizadas tem conseguido alguns primeiros lugares.

No próximo número faremos uma entrevista com o Né Vieira para que nos dê uma panorâmica da modalidade.

CANOAGEM

A canoagem vai de vento em popa. No dia 2 de Setembro fez uma daquelas tardes deliciosas, soalheiras, luminosas, sem vento e com o rio em maré cheia. Quando assim acontece pode dizer-se que o Paraíso se aproxima de Fão. Tais tardes, são raras, mas é só para não banalizar o quotidiano.

Pois nessa sobredita tarde realizou-se no nosso rio, uma prova de apuramento de canoagem da zona norte. O cais e uma trancha considerável da Avenida do Rio emolduravam-se de um público numeroso e entusiasta que se emocionou, bateu palmas, aclamou os heróis e até ia armando um sururu quando um dos nossos pescadores saiu com a sua lancha para o rio e começou a agitar as ondas. Mas aquilo foi só fumaça que o povo é sereno. A festa era da canoagem, era dos putos da beira-rio e as cenas de luta livre só na parabólica dos Bombeiros.

Os rapazes e as petizas de Fão lá foram andando, batalhando, e ao fim e ao cabo ainda conseguiram três primeiros lugares.

Estiveram presentes 110 atletas e fizeram-se representar nove clubes.

A Rita foi assaltada

Nada de pensamentos maus. Foi a Rita Fangureira, que na noite de 16 para 17 (de Setembro), foi assaltada, depois de os abstemios (dizemos já porquê) larápios terem estrochado a porta do Café. Na suposição que a máquina registadora tivesse a nota, levaram a dita com eles, o que não pagou o peso do transporte. À laia de aviso, lembramos que os livros policiais recomendam que as máquinas devem ficar abertas com uma nota lá dentro. Este pormenor faz sobrestar os bandidos quanto à tentação de levarem a máquina para ver se...

Deram sumiço ainda a todo o tabaco das estantes, mas não tocaram nas bebidas. Eram abstemios...

Não se ficaram porém, só por aqui. Desapareceram com um casaco do Sr. Lima que embora não tendo dinheiro, continha todos os documentos do proprietário, e que naturalmente lhe fazem muita falta.

Diz o Sr. Lima com muita ufania: «Foi o casaco com que eu vim para Fão». Já lá vão mais de vinte anos...

Claro que nós não podemos comungar do orgulho do proprietário da «Rita» ao afirmar tal coisa, pois, se todos assim procedessem, muito mal estavam as fábricas de confecções, os postos de trabalho, as casas que fornecem as tais fábricas e todo o cortejo seguinte.

É verdade que S. Francisco Xavier andou com a mesma batina 14 anos, mas tratava-se de um santo, e mais a mais estava-se no século XVI.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★ ★ ★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contatê-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

Poluição do Cávado preocupa Esposende

Escrito pela jornalista Leonor Ribeiro, apareceu no semanário «Tempo» um artigo com o título acima referenciado. A articulista aludia ao gosto que a água das torneiras de Esposende, Fão, Fontebóia, Apúlia e Rio Tinto apresentava (isto em Setembro) e dava como justificação o encerramento pela E.D.P. das barragens de Caniçada e de Penide para obras. O caudal do rio baixou e as grandes marés levaram a água do mar «até aos locais de captação de água».

Afirma mais a articulista: «Na opinião da Presidente da Câmara, Laurentina Torres, o elevado teor de poluição das águas é provocado, a seu ver, pelas cerca de 22 fábricas têxteis de Barcelos, cujas tinturarias expõem os efluentes para o rio Cávado. Somos o concelho mais a juzante do

Cávado e, por isso, tal como os vizinhos pobres do rés-do-chão, recebemos toda a poluição».

Apoiamos com toda a veemência as palavras de indignação da autarca concelhia. Nestas coisas, porém, não se pode ver só o argueiro nos olhos do vizinho. No concelho existem algumas tinturarias, os seus efluentes são despejados directamente nas águas do rio e nós perguntamos o que é que as autoridades têm feito para obstar a um tal estado de coisas. A princípio argumenta-se com as quantidades mínimas, mas o que é certo é que se ainda não temos 22 fábricas, temos já algumas oficinas a fazerem escorrer para o leito do rio líquidos poluentes e até nauseabundos sem ninguém pedir contas aos respectivos causadores.

Exige-se das autoridades responsáveis uma atitude firme contra todos os actos que provoquem a poluição do meio ambiente.

VIDA ROTÁRIA

No dia 18 realizou-se no Clube Rotário de Esposende, agora com sede no Hotel Nélia uma palestra subordinada ao tema: Sida.

Foi palestrante o dr. João Vieira Amândio que teve como apresentador o rotário dr. Juvenal Silva.

O dr. João Amândio, usando uma linguagem simples, revelou que a Sida apareceu há seis anos, indicou os vários factores da propagação, estatísticas e afirmou que provavelmente a doença deve estar debelada no fim da actual década.

Lombas na estrada da praia

As malfadadas lombas da Avenida António Veiga continuam a dar que falar. Não há dúvida que são polémicas e a própria Assembleia de Freguesia já se manifestou contrária à existência das mesmas.

São demasiado salientes e o seu desenho não merece os maiores encómios. Os automobilistas mudam de mão ao sabor das conveniências, o que causa uma barafunda maior. Outros condutores, os tais aceleras, passam por ali por cima como gatos em cima de zinco escaldado. Não ligam pevide. Nós lembramos a propósito as lombas em frente ao Liceu de Barcelinhos que todos respeitam mas que não aborrecem muito.

A ter que haver lombas, parecem-nos mais aconselháveis.

GABINETE DE CONTABILIDADE

- Execução e/ou actualização de escritas dos grupos A, B
- Assistência Fiscal
- Organização

Rua das Cordas, 15 - FÃO

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Filipe» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes modernos utilizando em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como da especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da epígrafe de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é a mais desatualizada de todos os de que gozamos. Foi concebido a 30 anos atrás, quando a definição de termos técnicas e científicos

PORTO EDITORA, LDA.
Livraria ARNADO, LDA.
BUP L. FLUMINENSE, LDA.

Rua da Restauração, 306, 4000 PORTO Cedex
Rua de João de Deus, 9-11, Apart. 305-310, COIMBRA Cedex
Rua de S. João, 149, 4000 LISBOA Cedex

Maria da Piedade Pinheiro Borda

Catequista para todo o sempre

No dia 23 de Setembro faleceu em Fão, ao princípio da manhã, Maria da Piedade Pinheiro Borda, mais conhecida pela D. Miquinhas. Exactamente o tom carinhoso deste apelido marcava a personalidade da falecida, pessoa que era tida na localidade como excepcionalmente bondosa, incapaz de fazer mal fosse a quem fosse.



O contacto das gerações masculinas da terra com a D. Miquinhas fazia-se desde muito cedo, pois a saudosa extinta viveu durante muitos anos em casa de sua madrinha, a lembrada D. Sara, por onde passaram todos os gurus que iam à «bandeira» nos enterros e depois entregavam as opas e o estandarte na R. Azevedo Coutinho, sendo compensados pela anfitriã com as famosas «aparas» de hóstia. Quem se não lembra delas?

A D. Miquinhas não fazia a distribuição mas «dirigia o trânsito». «Vá, agora és tu». «Rapaz, não faças isso». Depois encostava-se no cimo das escadas, via-nos gulosos a sorver a lambarice e quedava-se num sorriso que era sobretudo de compreensão e aprazimento, vertentes estas que pela vida fora lhe configuraram o carácter.

Gozámos a feliz coincidência de termos sido seu aluno na catequese e esse facto marcou-nos indelevelmente. Ensinava sem ralhar, ficava triste quando não correspondíamos aos seus esforços e a sua dedicação, entusiasmo e paciência consubstanciaram (dela) uma imagem de solicitude que não se apagará jamais.

Sentia-se feliz quando deparava com um dos seus antigos «rapazes», pelo que podemos afirmar que a honra de termos sido seu instrutor era compensado pela D. Miquinhas pelo gosto de ter sido nossa catequista. Mantinha-se um prolongamento, um elo de ligação que permanecia ao longo dos anos e que nos levava a sentirmo-nos vitaliciamente seus aprendizes, enquanto da sua parte remasnejava uma ascendência moral, famos dizer quase maternal, que a levava a cuidar da nossa situação, a administrar conselhos, a sentir como seus os nossos interesses, as nossas venturas e desventuras. Que isto não cause espanto, pois cada palavra ou função têm o seu valor no tempo próprio.

Não foi por simples acaso que no dia seguinte ao do acidente que recentemente sofremos, a primeira pessoa que apareceu lá em casa a inteirar-se do nosso estado foi a D. Miquinhas.

Era uma catequista para todo o sempre, imensa no dedicar-se, mas discreta nas manifestações.

Que tenha o descanso merecido.

Recordar bons velhos tempos

*Sopra vento, empurra-me sem medo,
que eu vou contar-te um segredo
junto daquele penedo,
que é o mais lindo rochedo,
no lugar da Pedra Alta.
Ali se juntava a malta
quando a maré não era alta
e a serenata fazim falta,
sem rádio, rock ou televisão,
à boa maneira de Fão.
Ali, com muito agrado e atenção
se ouvia mais uma canção
das melodias do Fão Antigo.
Tocava e cantava um amigo
que jaz há muito num jazigo;
Outro vilinista jaz consigo
há pouco mais que um ano
num caixão coberto a pano.
Hoje, a música sofreu tal dano
e agora o fado é um engano.
Faleceu também a revista em Fão,
e o eco da velha canção
já não causa mais emoção
neste velhinho torrão,
pois morreu o Fão Antigo
«Torrãozinho» natal sem igual...
Lindo cantinho de Portugal
com seu famoso areal
e violas e violões no lugar do Cortinhal.
Eis meu triste segredo, vento do Cais!
Por tudo isso, leva-me para onde vais,
numa das nortadas tais
e não me tragas nunca mais.
Sopra vento, empurra-me sem medo...
Que pereceu o Fão Antigo.*

87/09/01

CASANOVA

COMO A ESCREVE

Não dá erros? Está convencido que não dá nenhum? Nós vamos pô-lo à prova. Apresentamos algumas palavras mais difíceis e o leitor limite-se a preencher o espaço em branco.

No próximo número apresentaremos as palavras completas.

negoc__ar
pr__vilégio
__figie
alum__ar
cran__o
cum__ada
arr__piante
repr__ender
pat__o
__vasão
Pir__néus
cum__ada
rar__ar
t__jolo
l__xívia
petról__o

Congresso da Nato visita Esposende

Os congressistas da Nato ASI — Formation and Evolution of Low Mass Stars, num total de noventa cientistas de 18 países, estiveram reunidos em Viana onde debateram o tema: «A formação e evolução de estrelas semelhantes ao Sol e à formação de sistemas planetários».

No dia 26 de Setembro vieram de alongada até Esposende, sendo recebidos pela Câmara com verdadeira fidalguia.

Da parte da manhã visitaram a Quinta da Seara, onde o seu anfitrião, dr. Queirós de Faria, lhes proporcionou uma prova de vinhos. Pelas 13,30 horas realizou-se um almoço regional na Quinta de Abelheira do conhecido empreiteiro Capoto.

Mais para a tardinha os congressistas e suas esposas foram-se encaminhando para a Quinta de S. Cláudio, em Curvos, tendo o seu proprietário, proporcionado aos visitantes o contacto com usos e costumes regionais. Houve sardinha assada, vinho, danças e cantares, alegria a rodos.

Enfim, foi uma jornada de confraternização em que o colesterol da Tia Mariquinhas, tal, deu um salto significativo.

A MAIS IDOSA DE FÃO

É costume e normal a pergunta: quem é a pessoa mais idosa de Fão? Ao que nos respondem, é a Miquinhas Turra. Tem 95, se é que já não fez os noventa e seis. Está rijinha, lúcida, de boa memória, só que não vê. Está completamente cega. Ainda assim, dizem os familiares, que arruma parte da cozinha.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saraiva
Maria Emilia Corte-Real
Tia Mariquinhas
Casanova
Ariete Faria
Professores e alunos do 11.º ano
da Esc. Sec. de Esposende
José Manuel F. Neves

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 951475 - 952150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa da Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500400

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante.

SANCHOS E QUIXOTES DA NOSSA PRAÇA

Caro leitor, acostados no cais do Borda, saltámos as escadas e a primeira olhadela via para o largo do cais, hoje Largo Avelino Pires Carneiro ou dos Bombeiros. Instituição, menina-dos-olhos, de um punhado de fangueiros que servem e não se servem; beira-rio, clube-sentinela ao primeiro toque de telefone; clube de cultura e dinamização das noites de sábado — Santoíinho fangueiro — onde a amizade e o amor pelo próximo, o altruísmo vivem lado a lado. Solidariedade e pieirismo são as tónicas dominantes so servir sem se servir; do dar sem esperar receber. Que mais poderíamos esperar destes rapazes que não vão à cama, que não comem quando há fogo ou acidente? Que se sentam nas escadarias olhando o rio, vigiando, ouvido atento ao primeiro toque? São assim os comandados do Fernando.

Caro leitor, uma beira-rio que se vai transformando, que já foi o balde-de-lixo da Terra. Hoje a avenida arejada, razoavelmente limpa. Sem árvores. Alguns bancos e luz a jorros. Faltam as guitarras de outrora.

As escadinhas da ponte! Estas não são sala de visitas de Fão. Outro compartimento da casa. O mais privado. Que pena!

Regressamos ao largo dos Bombeiros. Começa a desfigurar-se. Aqui e ali casas modernas forçam as linhas ao Fão medieval. As Alminhas do Cais. Quem as não conhece? E a sua lenda?

Ora ouçamos o que nos diz a memória das histórias contadas à lareira. E Fão tem tantas!

— Era no Inverno. O rio ia alto. Galgara o leito e tomara posse do lugar de fam. Os caminhos foram conquistados pelas águas do rio Cávado. A estrada real (em frente à Barca do Lago) estava obstruída por grandes troncos de árvores.

Os cavaleiros-peregrinos a caminho de Santiago de Compostela não podiam atravessar o rio naquele local dada a grande profundidade ali existente. Os homens da Confraria da senhora da Barca retiravam a embarcação de passagem do rio.

Os cavaleiros ultrapassaram o forno-dacal e pela margem esquerda foram alcançando o povoado de fam. Pequeno lugar quase só habitado por pobres pescadores. Chegaram a um local apaulado onde se construam pequenas embarcações. (Talvez os futuros estaleiros de Fão). Aí encontraram alguns homens mal vestidos e mal comidos, com eles confraternizaram durante a noite, nas tendas que montaram no lugar do alto. (Talvez na zona alta do ramalhão, ainda hoje preponderantemente habitada por pescadores). Manhã cedo, tomaram as suas montadas e iniciaram a travessia do rio numa pequena jangada, construída pelos amigos. Cavalos, homens e provisões foram acamadas na dita jangada, muito semelhante àquela que era usada na Barca-do-Lago.

Se nas margens a profundidade era pe-

quena e o rio parecia não levar muita «correnteza» quando alcançaram o meio, a profundidade cobria três homens bem altos — cinco metros, a passar —. A força das águas era muita e os cavalos começaram a dar mostras de medo. Um tronco de pinheiro que flutuava bateu com grande força na jangada, voltando-a. Os pescadores que bem sabiam nadar, amarraram-se à jangada e conseguiram alcançar a terra já muito próximo da «volta das lanchas» enquanto os cavaleiros lá pereceram. Dias mais tarde, alguns deles apareceram muito próximo do local onde hoje se encontram as Alminhas — não as primitivas — que foram erguidas em sua memória. Nos tempos em que a população de Fão vivia da pesca, eram frequentes, dia e noite, as preces e súplicas junto às Alminhas, sobretudo em noites de tempestade em que o mar «uivava» tenebroso. Alminhas do Cais, oráculo de pescadores do lugar de fam no século XVII. Ainda hoje cá continuam, embora numa arquitectura mais recente.

Continuemos beira-rio adiante. Chegamos ao Cortinhal. Cortinhal? Que nome tão esquisito? Tão estranho! Não acham? Ah! As cortinhas medievais ou os quintalórios murados de que ainda há vestígios, pelo menos na forma geométrica, denunciando a ligação típica entre a agricultura e o homem do mar, explicam este colectivo Cortinhal. Outrora também estaleiro naval — paúl de pastagem para o gado. Hoje, sala de visitas de Fão, lado a lado com a montureira-esgoto de uma rego foreiro. Quando o rio vai cheio, esconde-se nas águas a tinta colorida e a gordura que tal rego lança. Mas no Verão. Não. Cheira mal. O rio é azul. Há moscas e mosquitos. Só não são mosquitos por cordas. São mosquitos amariscados. Uma população e em especial a vizinhança não pode pagar «as favas» por se transformar uma vulgar casa em restaurante ou um baracão em indústria de descolorir. Afinal Fão é uma terra de Turismo ou de terrorismo? É que atentar contra o bem-estar dos peixinhos e da população é terrorismo. Depois não digam que os «Sanchos» são terroristas verbais.

Colaboraram:

Professor e alunos do 11.º ano da Escola Sec. de Esposende

O CORO DA MATRIZ NA TELEVISÃO

Mais uma vez o coro da Matriz, sob a competente regência do Rev. Faria Borda, apareceu na televisão a acompanhar a missa dominical de 4 de Outubro, celebrada desta feita pelo bispo de Beja, D. Manuel Falcão.

Segundo revelou o antistite pacense, que no final teceu rasgado elogio ao grupo de Fão e a seu maestro, as músicas entoadas foram especialmente compostas para este acto litúrgico.

E conseguiram um brilho extraordinário. A melodia atingida foi verdadeiramente sublime. Estamos a lembrar aquele dueto na «Vinha do Senhor», soberbamente desempenhado pelo Quim Neves e pelas Sopranos Lulu Pereira (que destemor!) e pela dr.ª Fernanda Borda. Parecia um momento de ópera transmitida pela Eurovisão. Foi sem dúvida um número de antologia. Vozes bem timbradas, seguras e quentes. O solo da Aleluia (parabéns Zélia) e acompanhamento, bem como a canção «Fica connosco, Senhor!» foram maravilhosos.

Ainda no cântico final, já com o bispo e os seus acólitos (um deles era o P.e Avelino Borda) a dirigirem-se para a sacristia, o coro teve uma intervenção caleidoscópica, com os vários naipes a sucederem-se numa cadência alternada, firme, magestosa. Um sucesso.

O Bicho Homem

*Manifestações, discursos nas televisões
Nós somos os bons, eles os intruões
No homem memlhor
Há sempre um foco de ambição,
De sadismo, de vaidade
Os mais puros são
Os que não existem na verdade*

*Aos maus não lhes dêem censuras
Têm os seus ideais
Quer seja dinheiro, sexo, aventuras
Somos todos quase iguais*

*Porquê? Porque o homem nasce assim
Luta por uma razão
Que defende intransigentemente
Por ela sente ambição,
Por ela morre, mata e mente*

José Manuel Ferreira Neves

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO